

“NÓS” E A FEIRA - TURISMO, SIGNIFICADO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO/RJ¹

Aline Rocha Nery
Mestranda em Ciências Sociais/UFJF
linenery@yahoo.com.br.

Resumo

Este trabalho busca mapear valores e significados socialmente construídos na Feira de São Cristóvão a partir do olhar de alguns de seus trabalhadores. Na pesquisa, busca-se, a partir do conceito de representações coletivas, delinear as categorias de pensamento relacionadas à feira e as estruturas simbólicas que as permeiam. Os discursos dos atores envolvidos, analisados da antropologia social, servem de base para um maior entendimento da Feira e das múltiplas relações que a partir dela se desenvolvem.

Palavras-chave: Turismo, Significados, Representações Coletivas.

INTRODUÇÃO

Os lugares turísticos podem ser compreendidos enquanto espaços cujas relações estabelecidas ultrapassam em vários aspectos o mero ato de consumo. Espaços de trocas materiais e simbólicas, possibilitam o compartilhamento de valores, significados e experiências.

Este trabalho é decorrente de um antigo interesse pelo universo do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ainda hoje conhecido como “Feira de São Cristóvão”. O fascínio diante da diversidade e da complexidade do espaço fizeram com este se tornasse o objeto de estudo da minha dissertação de mestrado, em curso.

Ao adotar como metodologia a revisão bibliográfica para a construção do arcabouço teórico e conceitual orientador do trabalho, bem como a pesquisa de campo (utilizando técnicas como a observação participante, o diário de campo e entrevistas qualitativas), busco compreender os significados socialmente construídos na Feira por alguns de seus trabalhadores. Neste sentido, parto do pressuposto de que tais significados não se referem a representações meramente individuais, mas sim a representações sociais e coletivas, construídas a partir dos quadros

classificatórios da nossa sociedade. Para Durkheim, as representações coletivas

o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa do que a do indivíduo, está aqui, portanto, como que concentrada (Durkheim, 1973, p.518).

Segundo Velho (1994, p.117), as representações “referem-se a crenças e valores que cimentam, colam, juntam a sociedade”; são dimensões da vida social. Através de seu estudo é possível conhecermos como pensam os atores sociais dessa pesquisa. O que busco é a compreensão dos sentimentos que estão por trás das falas, as visões de mundo dos sujeitos, enfim, que elementos e sistemas simbólicos são acionados por trás destas representações.

A FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO, HOJE CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS

podem ser definidas como

Localizada no bairro de São Cristóvão e reduto da cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro, a tradicional Feira de São Cristóvão teve origem² (segundo informações contidas no site oficial da Feira) com a chegada de retirantes nordestinos na cidade, no ano de 1945, permanecendo ao ar livre por 58 anos. No ano de 2003 as barracas foram transferidas pela Prefeitura do Rio para dentro do antigo Pavilhão de São Cristóvão, transformado no Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. É criada concomitantemente uma infra-estrutura turística para atender a um público variado. Atualmente, o local conta com aproximadamente 700 barracas fixas, recebendo cerca de 250.000 visitantes por mês.

A pesquisa de campo foi realizada nos dias 06 e 07 de junho de 2009. Optei por fazer apenas uma pergunta nas entrevistas, e deixar que os entrevistados falassem o que desejassem. Não foi preciso mais do que isso. Perguntei “O que a Feira Significa para você?”, e eles me contaram como chegaram, há quanto

tempo estão na Feira, a importância de estar ali... Dividiram comigo suas conquistas, seus anseios e experiências compartilhadas.

Como unidade de análise, utilizarei o que Gilberto Velho (1973) denomina *unidades mínimas ideológicas* – categorias que apareceram nos discursos dos entrevistados com maior frequência. Velho (1973) atenta para o fato de que estas *unidades mínimas ideológicas* só possuem um significado à medida que se opõem a outras categorias, razão pela qual me atentarei ao princípio de oposição. As palavras, expressões ou frases encontradas nas falas, aliadas às suas combinações e sistematizações, permitem-nos reconstituir “não só um sistema de classificação de base espacial mas também formulações do caráter ideológico do universo estudado”. (Velho, 1973, p.66).

Minha intenção é perceber como os trabalhadores da Feira ordenam e sistematizam o seu mundo social, pois “o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural... mas também a busca do significado de tais comportamentos”. (Magnani, 1996). Siqueira (2008, p.07) atenta-nos para o

fato de que “vivemos em um universo simbólico, de significados que são compartilhados, interpretados e negociados a todo instante”. Logo, “sentido e significado não nos são dados do exterior prontos e acabados”. (p.05).

Ao se trabalhar com um conjunto de representações sociais da Feira de São Cristóvão, é preciso termos em vista sua inserção em uma metrópole brasileira, a cidade do Rio de Janeiro. Assim, a complexidade encontrada na Feira pode ser vista como um reflexo da metrópole, que, assim como as demais cidades modernas, “abriga, concentra e multiplica toda a complexidade nas esferas da economia, do poder, da organização social, da produção simbólica...”. (Magnani, 1996). Na sociedade complexa, “a coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica”. (Velho, 1994, p.27).

ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

O fato de estar fora de seu local de origem é ressaltado por grande parte dos trabalhadores da Feira de São Cristóvão, a maioria nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro. Nesta perspectiva, a Feira possibilita uma

identificação com a cultura nativa, ocasionando uma sensação de pertencimento mesmo longe da terra natal. É o local onde o nordestino pode ser ele mesmo – rir, dançar, encontrar os amigos... comer farinha e carne de sol em meio a uma conversa onde predomina o sotaque nordestino sem ser alvo de ridicularização e preconceitos³.

É muito importante porque me reativa as raízes. Tô fora há muitos anos... você vai perdendo o convívio, o sotaque... Aqui a gente tem essa liberdade de curtir as coisas da cultura da região, reencontra amigos e pessoas da região...

Minha família é pernambucana. Eu me sinto bem porque é a cultura que eu sempre vivi.

“Estar fora”, ser um imigrante, contrapõe-se a **ser um morador nativo, um carioca⁴**, com valores e modos de agir específicos. A insegurança e a sensação de estar diante de hábitos culturais diversos do seu são amenizadas em um espaço onde o “sentir-se em casa” não se encontra relacionado especificamente ao território geográfico, mas sim ao compartilhamento de valores e costumes. Esta sensação de pertencimento é essencial na valoração

atribuída à Feira pelos trabalhadores nordestinos:

A Feira é tudo na vida da gente, principalmente pra gente que é nordestino...

Pra mim foi a melhor coisa que teve na minha vida. Eu vim do Nordeste, eu, meus três filhos e meu marido, no maior *perreiro* da vida...

Significa um pedaço da minha terra...

Estar na Feira significa sentir-se em um pedaço de sua terra, ter uma referência no Rio de Janeiro. A segurança afetiva que a Feira oferece pode ser claramente percebida no discurso abaixo, onde o entrevistado compara-a a sua própria mãe:

A Feira significa uma importância muito grande, *como se fosse minha mãe...* sem ela eu não vou conseguir sobreviver.

Confesso que a princípio não entendi muito bem a comparação efetuada. Como a feira poderia estar relacionada à figura materna? O interessante é que este trabalhador continuou sua fala sem se preocupar em fornecer-me explicações sob este aspecto, visto trata-se de uma correlação natural para ele. Não é preciso explicar

porque nossa mãe representa muito para nós, fica subentendido. O mesmo acontece com a Feira. Apenas fui compreender o sentido desta afirmação ao perguntá-lo de seu significado, no que obtive a seguinte resposta:

É igual nossa mãe porque abaixo de Deus eu penso que é nossa mãe... e abaixo de Deus só a Feira... porque se me tirar da Feira e eu tiver que voltar...

É estabelecida uma hierarquia entre Deus, quem está cima de tudo, e nossa mãe, quem abaixo de Deus possui maior importância na nossa vida, segundo ele. Deste modo, comparar a Feira à mãe significa colocá-la no patamar máximo de uma escala de valores, onde acima dela encontra-se apenas Deus, em sua posição fixa de soberano. Tal afirmação permite-nos pensar a mãe também sob o aspecto do acolhimento e proteção. Sob esta ótica, a **segurança** simbólica do “estar dentro da Feira” se opõe à **insegurança** do “estar fora dela”. Estar na Feira é sentir-se seguro e amparado dentro da cidade grande e longe de sua terra de origem.

A formação de um ciclo de amizades é ressaltada por vários entrevistados como uma característica marcante da Feira. O mesmo senhor que efetuou a comparação acima nos deu

exemplos de amigos que se ausentaram do local por um tempo e “se sentiram isolados”:

Os amigos quando se ausentam daqui, a pessoa sente-se isolado, sem se encontrar com seus amigos, contato com a música nordestina (...) Eu vivo sozinho mas eu vivo feliz... tenho contato com muita gente que preenche esse vazio...

Aqui a gente tem um ponto de referência... Vai se formando um ciclo de amizades...

O fato de **ter amigos** na Feira possibilita o afastamento do sentimento de **solidão**; permite que a pessoa não se sinta sozinha mesmo vivendo sozinha, por ter contato com outras pessoas que preenchem “este vazio”. São criados vínculos afetivos entre os que ali trabalham e frequentam.

Muitos filhos de trabalhadores da Feira cresceram no local, tornando-se alguns deles comerciantes ali também. A categoria *família* encontra-se estritamente relacionada ao espaço, sendo, para alguns, fator responsável pela permanência no local, como se pode observar no depoimento abaixo:

Eu só tô aqui porque meus filhos estão aqui. Aí meu marido já faleceu... Vou deixar meus filhos aqui? Eu amo meus filhos! Eu sou muito feliz, tem muita felicidade com os meus filhos. Ele tem bar aqui também...⁵

A **família** é uma categoria central na compreensão do universo da Feira, e merece um estudo mais aprofundado⁶. A chegada de muitos imigrantes no Rio de Janeiro, em meados da década de 1940, é marcada pelo encontro destes com seus parentes que já moravam no Rio, que, no pátio do antigo Campo de São Cristóvão, os esperavam chegar nos caminhões⁷ vindos do Nordeste para auxiliá-los na busca de um emprego na cidade grande. Conta-se que foi do encontro destes com seus parentes e conterrâneos no antigo Campo de São Cristóvão – RJ, que se originou a Feira⁸.

A referência à Feira enquanto local de trabalho é percebida em uma linha de representações na qual o trabalho é associado à luta, ao sustento e à *sobrevivência*. Não é tão simples **viver**; muitas vezes é necessário **sobreviver**. Trabalhar na Feira é visto freqüentemente como uma forma de sobrevivência.

É importante porque o pessoal dá espaço pra gente, pra gente ganhar nosso dinheiro... Sem isso a gente não pode sobreviver...

Sem ela eu não vou conseguir sobreviver.

A Feira é meu meio de vida. Trabalho aqui há seis anos. Trabalhava eu e meu marido mas ele faleceu ano passado, aí ficou eu e minha filha. Meu sustento eu ganho aqui, porque eu não tenho outra renda.

(...) Afinal, é ali que se ganha “o pão de cada dia”:

Sabe por que a Feira representa muita coisa? Porque é aqui que a gente ganha o pão de cada dia.

A música faz com que a gente se sintam bem, atuante, ganhando o pão de cada dia...

Trabalhar, embora também ocasione alegria e felicidade, não é algo fácil, é uma *luta* diária. Exige coragem - logo, não é para todos, apenas para os corajosos.

Trabalho é uma palavra que não é muito boa, porque tem que ter coragem...

Trabalho aqui há 30 anos. Muita alegria, muita felicidade e muita luta a cada dia. Pra depois conseguir a vitória abençoada.

O binômio **emprego/desemprego** pode, neste caso, ser tomado em oposição ao binômio **coragem/covardia**. Do mesmo modo, também é possível associá-lo ao fato de se **estar na Feira** ou **não**. Para muitos, a Feira é vista como a *única* alternativa de emprego, fora da qual eles não vêm perspectiva.

Porque se ela acabar vai ficar muita gente desempregada... principalmente nordestino.

Se não fosse isso aqui tava ruim, depois que você completa quarenta, trinta e seis anos, é difícil arrumar emprego. Ainda mais quem não tem uma profissão.

Neste último relato, a trabalhadora argumenta sobre a dificuldade de se conseguir emprego depois de certa idade, pois “em uma seleção acabam escolhendo as mais novas”. Relata também a dificuldade de não se ter uma profissão. A seu ver, os cursos oferecidos por órgãos como o SINE⁹ são “só para enganar”, pois não há como aprender uma profissão no curto espaço de tempo do curso. A mesma também relaciona a questão do preconceito para com pessoas obesas à dificuldade de se obter emprego:

Mas tem também... sabe como é... preconceito com quem tá acima do peso... é... porque fala que tem mais problema de pressão, colesterol... Vai um dia nesses lugares que dá trabalho como o SINE pra você ver o preconceito.

Temos aí a correlação de aspectos como **emprego/desemprego, qualificação/desqualificação** e **preconceito/justiça**. As idéias correlacionadas mostram que, nesta linha discursiva, a Feira se apresenta como mais do que o local onde a trabalhadora “tira” o seu sustento, visto não possuir outra renda e seu marido já ter falecido. É o local que a aceita e permite-a trabalhar da forma como ela é, mesmo não tendo uma profissão¹⁰ e estando acima do peso.

Sentimento diferente é expresso por um senhor que atua como gari no local, para quem a Feira é um local difícil de se trabalhar, devido à quantidade de pessoas e ao barulho em excesso¹¹:

Trabalhar aqui é bravo. Cheio de gente e carregando o carrinho... A gente trabalhava três vezes por semana, doze horas por dia para ganhar R\$ 150,00. Agora a gente só trabalha dois dias, e ganha R\$ 100,00. É muito pouco... Falta dois anos pra eu aposentar.

Esta perspectiva mostra um olhar de quem não se sente bem no local, pois além do trabalho ser difícil a remuneração é baixa. O “**trabalhar muito e ganhar pouco**” conduz a uma insatisfação perceptível em seus momentos de trabalho na Feira, bem como na ânsia pela aposentadoria.

É importante nos atentarmos para o fato de que estamos lidando com “distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos” (Velho, 1994). A feira, assim como a cidade, não só admite e abriga grupos heterogêneos como também está fundada nesta heterogeneidade (Magnani, 1996).

Em uma outra linha de representações, a *parte humana* é ressaltada como um componente extremamente positivo do “trabalhar na Feira”.

Aqui passa de tudo... de empregados a financeiros... é muito bom, faz a gente melhorar muito como pessoa... A gente conhece desde os poetas até os mendigos...

Conhecer pessoas diferentes, de diversas camadas sociais, compartilhar suas histórias de vida, valores e anseios comuns... permite que “você” se sinta mais próximo da realidade, e busque se tornar uma pessoa melhor.

A Feira constitui um local onde laços afetivos são construídos e emoções são compartilhadas a todo o momento.

Eu me emociono... a emoção é a coisa que alavanca a vida... anos e anos... a importância desse povo nordestino que andou esquecido...

Teve um poeta que fez a gente chorar esses dias... Tem coisa muito boa que a gente encontra aqui, em relação à parte humana... O que tem de coisa engraçada... a gente tá fazendo um site aonde vamos colocar esses casos engraçados...

Aqui você trabalha e se diverte...

O **rir** e o **chorar** são emoções que fazem parte do cotidiano da Feira. Decorrentes das interações sociais estabelecidas, possibilitam o acionamento de códigos associados a universos simbólicos diferentes, através dos quais os indivíduos se reconstróem constantemente. (Velho, 1994).

Um outro aspecto mencionado diz respeito à Feira como espaço de promoção da cultura nordestina e brasileira:

Pra mim é a continuação de um trabalho, promover a cultura do Brasil mesmo dentro do Brasil.

Para mim é uma tentativa de trazer a cultura nordestina aqui. Quando chega aqui é um caldeirão.

Em relação à cultura nordestina na Feira, diversos são os pontos de vista. Alguns associam a “entrada” da Feira para dentro do Pavilhão como algo que a descaracterizou, ao torná-la mais parecida com um shopping popular. Outros mencionam os shows organizados pela prefeitura como atrações meramente comerciais, que não representam o “autêntico” universo nordestino¹². O autêntico é freqüentemente tomado em relação *ao que era antes*.

A Feira hoje tá perdendo a característica. A Feira tá virando um show de forró-bunda. A Feira tá se perdendo dessa cultura, tá uma cultura comercial, não tá uma cultura tão pura. Depois que veio aqui para dentro perdeu a característica. (...) Aqui é um shopping popular. Tem pouca coisa do Nordeste e tá uma cultura muito pouca (...) Tem que melhorar a tradição e a cultura.

O que era pra ser uma feira no final de contas não ficou feira, não ficou shopping, não ficou nada...

A cultura, por vez, é relacionada nos discursos apreendidos a um conjunto de representações *tradicionais* do Nordeste, conceituação que possibilita alegações do tipo “está se perdendo dessa cultura” e “é preciso melhorar a cultura”. No entanto, algo diferente é expresso ao se contrapor a participação (presença física) nas atrações ocorridas na Feira com a postura do telespectador que assiste tudo apenas pela televisão.

Agora é que a prefeitura tá abrindo mais show, porque a população ficava mais na televisão, que às vezes é tudo deturpado...

Verifica-se, neste caso, um deslocamento no eixo referente à autenticidade. Autêntico passa a significar o que *ocorre ali*, não importando se são atrações meramente comerciais. A televisão deturpa, ao contrário vivência *in loco*, que mostra a realidade como ela é.

Por fim, é importante mencionar as categorias de pensamento nas quais a Feira é associada à cidade, ao possuir seu lado bom e seu lado ruim¹³. Um espaço onde também ocorrem erros, afinal, “em todo canto é assim, né? As coisas nunca ficam certinhas¹⁴...”.

É uma cidade, que tem muita coisa boa e muita coisa ruim. Tem certas coisas que nem pode falar.

A respeito da cidade, Park (1973, p.26) salienta que ela é

algo mais que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais... algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos... antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que as compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

De modo análogo, podemos também pensar a Feira como um “corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados”, um produto da natureza humana decorrente da negociação da realidade nos vários planos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, pôde-se verificar que a Feira de São Cristóvão, enquanto espaço turístico da cidade do

Rio de Janeiro, não possui um significado pré-definido, tampouco definitivo. Embora os guias turísticos da cidade a definam como “um reduto nordestino no Rio de Janeiro”, seu espaço é significado e ressignificado através das *práticas sociais*, em uma lógica que opera com muitos “eixos de significação”. (Magnani, 1996). Do mesmo modo, os trabalhadores da Feira encontram-se em constante processo de transformação, simplesmente porque “fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade”. (Velho, 1994).

Em nenhum momento procuro dar conta de todo o universo de representações, nem tampouco obter generalizações. Os depoimentos obtidos são discursos carregados de valores e sentimentos. As representações analisadas misturam-se umas às outras nas falas dos trabalhadores, na medida em que estes compartilham vários significados referentes ao espaço.

Pensar a Feira é estar diante de um universo complexo e heterogêneo, no qual são manejados símbolos e códigos comuns, apesar das diferenças individuais. Ao extrapolar as relações comerciais típicas de uma feira, configura redes de sociabilidade que

vão além da compra e venda de mercadorias.

Os significados da Feira para seus trabalhadores são múltiplos. Os trabalhadores da Feira aqui entrevistados, por vez, podem ser vistos como “homens-totais”, na perspectiva de Marcel Mauss. Homens que trabalham, que “lutam”, que se esforçam para “ganhar o pão de cada dia” e “sobreviver” mediante as dificuldades da cidade grande. Que buscam formas de se sentir seguros mesmo longe de sua terra natal. Ao mesmo tempo são homens que riem, que choram, que se emocionam com os acontecimentos diários. Que estabelecem vínculos afetivos ao compartilhar valores e dimensões simbólicas da vida social, e para os quais, provavelmente, a Feira nunca terá apenas um único significado.

Abstract

This paper seeks to map values and meanings socially constructed at *São Cristovão* Market, according to the view of some of its workers. In this research, based in the collective representations concept, it's outlined the categories of thought related to the Market and the symbolic structures which permeates it. The actors' speeches involved, analyzed thru social anthropology, is the basis for a better understanding of the Market and its various relationships.

Keywords: Tourism, meanings, collective representations.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1973, p. 505-550.

MAGNANI, Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropóloga na metrópole. José Guilherme Cantor Magnani, Lilian de Lucca Torres (organizadores). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996. P. 12-54.

NERY, Paulo Roberto Albieri. O passeio à Prainha: estudo antropológico do consumo de prazer nas classes populares. *Revista de Ciências Humanas*. Vol. I, nº 02, p. 111-116. Jul. 2001.

PRADO, Rosane Manhães. Bem-me-quer, mal-me-quer: reflexão sobre a polaridade cidade grande cidade pequena. Artigo apresentado ao professor Gilberto Velho no Curso de Antropologia Urbana do Museu Nacional, 1998.

SANTOS, José João dos. A Feira Nordestina – Foi assim que começou. *Literatura de Cordel*. Editora Tupiniquim. Ceará. Brasil.

SIQUEIRA, Euler David de. O Homem Total na Sociologia de Marcel Mauss.

Revista Humanas. Londrina. Vol. 02, nº
01. P. 07-32. Março 2000.

SIQUEIRA, E. D. A nova maravilha do turismo: práticas simbólicas e narrativas identitárias na eleição do Cristo Redentor. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: editora da ABA, 2008. v.01. P.1-19.

VELHO. Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: Projeto e Metamorfose – Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. P.11-30.

VELHO, Gilberto. Visão de mundo e estilo de vida em camadas médias urbanas – algumas questões sobre o estudo de família. In: Individualismo e Cultura – Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. P. 111-120.

VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana – um estudo de antropologia social. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Otávio Guilherme (org). O Fenômeno Urbano. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1973.

Acesso eletrônico:
<http://www.feiradesaocristovao.org.br>

Anexo:

Cordel sobre a origem da Feira de São Cristóvão escrito por “Mestre Azulão”, poeta paraibano com mais de 300 cordéis publicados e trabalhador da feira há aproximadamente 60 anos.

Quem quiser saber da feira
Venha pra perto me ouvir
Que vou contar em detalhes
Sem aumentar nem mentir
Mas num falar positivo
Vou explicar o motivo
Da nossa feira existir
No ano quarenta e nove
Vim pro Rio a vez primeira
Fui visitar São Cristóvão
Então por esta maneira
Sem de nada conhecer
Depois eu pude entender
O começo desta feira

Foi num dia de domingo
Eu vim com meu primo João
Pagar a passagem dele
Que veio sem um tostão
Nisso um motorista fala:
-Vá lá pegar sua mala
Que está no meu caminhão

Eram dez horas do dia
Eu vi um moreno forte
Cercado de nordestinos
Vindos no mesmo transporte
Com uma lona no chão
Vendendo fava e feijão,

**A Feira Nordestina – Foi Assim que
Começou**

Autor: Mestre Azulão

Gritava: -Chegou do norte!

Tinha até fumo de rolo
Rede, rapadura e queijo
Dizendo: -Aqui conterrâneo
Este é puro e sertanejo
Eu garanto a qualidade
Você come e tem saudade
Mata a fome e o desejo

Algun já lhe conhecia
Dizia: -Eu quero seu João,
Comprava e lhe perguntava:
-Tem chinelo e cinturão?
Seu João dizia: - Não tem
Mas esta semana vem
No primeiro caminhão

Eu observei um pouco
Aquele povo comprar
Uns chegando do nordeste
Outros que iam voltar
Tudo feliz e contente
Numa árvore bem em frente
A Senador Alencar

Uns criticavam dos outros
Com risada e brincadeira
João Gordo vendendo as coisas

Numa lona e uma esteira	Pra obra em Copacabana
Outro vendilhão chegou	
Foi assim que começou	Isso já foi no final
O início desta feira	Da década de quarenta
	O sofrer dos nordestinos
O motivo maior, foi	Quem viu ainda lamenta
Da nossa feira nascer	E a feirinha a seguir
Devido a Rio Bahia	Só começou se expandir
Quando o Dutra quis fazer	No início de cinquenta
Do Rio até ao Nordeste	
Pro Sertão, brejo e agreste	Nesse encontro aos domingos
Se expandir e crescer	O povo que ia e vinha
	Comprava carne de sol
Era uma estrada rústica	Queijo bom, fava e farinha
De atalhos e travessias	Já era grande a frequência
Lugar de trechos desertos	Por crescer a preferência
De sufocos e agonias	Foi aumentando a feirinha
Poeira, calor e frio	
Do nordeste para o Rio	Ali ninguém tinha banca
Levava até vinte dias	Era no chão que vendia
	Algum trazia uma mesa
Os nordestinos chegavam	Para o café que servia
Sujos de lama e poeira	Mas do mal ninguém escapa
Não se via a cor da roupa	Que de vez em quando o rapa
Nem da mala de madeira	Levava a mercadoria
Foi ali nesse lugar	
Que começou despertar	Manoel Alexandre, era
O início desta feira	Alfaiate de primeira
	Fazia calças e ternos
Quando os caminhões chegavam	Para a freguesia inteira
No começo da semana	Aos domingos sem faltar
Os nordestinos ficavam	Ia as roupas entregar
Comendo pão e banana	Aos conterrâneos na feira
Esperando alguém chegar	
No domingo, e os levar	Num domingo ele chegou

Para entregar calça e terno
Feitos em todos estilos
Desde o antigo ao moderno
Se deparou com a feira
O povo em grito e carreira
Como um verdadeiro inferno

Era o rapa que estava
Levando tudo no peito
Jogando tudo nos carros
Sem ter o mínimo respeito
Manoel ao se constrangir
Disse: -Nós vamos se unir
Para nisso dar um jeito

Depois que todos se uniram
Ele disse a Azulão:
-Eu preciso de você
Para me dar uma mão
Com os feirantes de cria
A nossa diretoria
Para a legalização
Vamos as autoridades
Isso tem que ser urgente
Expomos nossos direitos
A um órgão competente
Que a feira nordestina
Tem tradição, disciplina
E vamos seguir em frente

Foi quando Carlos Lacerda
Era o governador
Pedimos uma audiência
E ele com muito amor
Nos recebeu sorridente

E disse ao povo presente:
-Estou ao vosso dispor!

Então falamos a ele
Da feirinha e do local
Que reunia aos domingos
Nordestinos em geral
Entre parentes e amigos
Para comprar os artigos
Vindos da terra natal

Era um local freqüentado
Por homem humilde e roceiro
Que erguiam as grandes obras
Do grande Rio de Janeiro
A feirinha de verdade
Era encontro de saudade
Do nordeste brasileiro

Ele nos deu parabéns
Com um gesto de emoção
Pondo a mão no meu ombro
Disse: -Poeta Azulão
Vibro em tê-lo entre nós
Porque vejo em sua voz
Um pedaço do sertão

E quando o rapa outra vez
Foi destruir nossa feira
Ele mandou que a polícia
De lá saísse ligeira
Que a fira nordestina
Era autêntica e genuína
De gente honesta e ordeira

Manoel uniu os feirantes	Revoltoso e vigilante
E criou a União	Enfrentou a cabroeira
Beneficente no Rio	E entrou dentro da feira
Dando a feira a proteção	Com coragem de gigante
Logo o abastecimento	
Deu pleno consentimento	Entre Manoel e Agra
Junto à fiscalização	A feira foi dividida
	Manoel atravessava
Manoel fez trezentas bancas	Uma fase coagida
Pra toda mercadoria	Sobre calúnia e pressão
Carteiras para os feirantes	Mentira e perseguição
Que o estatuto exigia	Infernando a sua vida
Depois de livre a proposta	
A União foi composta	
Com uma diretoria	Então num domingo cedo
	Manoel sentiu-se doente
Manoel pelos feirantes	Quando era entrevistado
Foi eleito presidente	Na feira por muita gente
Um nordestino de fibra	De repórter de jornal
Braço forte inteligente	Num derrame cerebral
Azulão neste cenário	Morreu estupidamente
Foi primeiro secretário	
E a feira seguiu em frente	Morreu pelo bem da feira,
	Vavá, seu filho ficou
O Espiridião Agra	Com a parte do seu pai
Um nordestino infiel	Mas Vavá denunciou
Com inveja e ambição	Do Agra a exploração
Fez o mais sujo papel	Foi feita uma intervenção
Com a sua cabroeira	E o Agra se retirou
Tomou de assalto a feira	
E expulsou Manoel	Então as autoridades
	Fizeram investigação
O Agra fez tudo isso	Na parte do senhor Agra
Para explorar o feirante	Contra a grande exploração
Mas Manoel Alexandre	Lhe deram a maior carreira

E Vavá de toda feira

Assumi a direção

Assumi mas não ficou

Por não ser experiente

Se tornando autoritário

Vaidoso e prepotente

Os feirantes sem demora

Botaram Vavá pra fora

E outros tomaram a frente

Depois veio Antônio Mota

Que era uma ex-deputado

Mas ele botou na feira

Banca de baralho e dado

Devida a contravenção

Fizeram grande pressão

E Mota foi afastado

Continuou nossa feira

Passando de mão em mão

Sendo alvo de esperto

E desorganização

Onde alguma autoridade

Ameaçou com vontade

De fazer sua extinção

Agamenon de Almeida

Nordestino experiente

Foi escolhido o eleito

Para o novo presidente

A feira na sua mão

Tomou nova direção

E caminhou para frente

César Maia em São Cristóvão

Passando uma ocasião

Vendo o pavilhão jogado

Disse com boa intenção:

-Vou tirá-lo da ruína

E a feira nordestina

Passar para o Pavilhão

Disse e fez a grande obra

Com arte e com disciplina

Tornou-se uma obra rara

Organizada e granfina

Tirou sujeira e barulho

Para nós é grande orgulho

Nossa feira nordestina

A feira que estava fora

Hoje está no Pavilhão

O prefeito César Maia

Fez grande transformação

É asseada e segura

No mando da prefeitura

Tem boa organização [...]

Em 14 de agosto de 2007.

NOTAS

¹Agradeço imensamente ao professor Dr. Euler David de Siqueira, pelo auxílio neste trabalho e incentivo; à Flávia Paiva, amiga que me acompanhou na ida a campo; e a Evandro Teixeira, baiano querido que me apresentou ao universo da Feira.

² A origem exata da Feira constitui tema de divergência entre os feirantes mais antigos, como se pode observar nos versos do “Cordel” em anexo.

³ A Feira de São Cristóvão também é conhecida pelos cariocas como “Feira dos Paraibas”.

⁴ Denominação às pessoas nascidas na cidade do Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

⁵Esta trabalhadora vive na Feira de sexta-feira a domingo, os três dias em que trabalha no local. Toma banho na barraca de seu filho, que possui banheiro, e utiliza a sua própria barraca como dormitório, estendendo um colchonete no chão. Durante os fins de semana, as barracas funcionam ininterruptamente das 10h da sexta-feira até as 20h do domingo.

⁶No decorrer da pesquisa, composta por 14 entrevistas, presenciei dois depoimentos em que, após o falecimento do marido, as esposas continuaram a trabalhar na Feira.

⁷ Popularmente conhecidos como “Paus-de-arara”.

⁸É importante ressaltar que quando me refiro aqui aos trabalhadores nordestinos da Feira em momento algum procuro generalizá-los em relação ao universo de trabalhadores do local; isto se dá apenas devido ao fato de a maior parte dos entrevistados, escolhidos aleatoriamente, serem nordestinos. Segundo alguns trabalhadores da Feira, verifica-se hoje no local a presença de pessoas que não trabalhavam na Feira quando ela era ao ar livre, do lado de fora do Pavilhão. Estas teriam comprado suas barracas no período em que a Feira foi transferida pela prefeitura para dentro do Pavilhão. Segundo alguns entrevistados, houve neste período um processo desregrado de venda das áreas das barracas, o que permitiu a empresários com maior capital adquirir os espaços centrais, deixando para muitos trabalhadores tradicionais da Feira os espaços menores e mais afastados.

⁹Sistema Nacional de Empregos.

¹⁰Entendida neste caso como uma formação específica.

¹¹“Eu não gosto da música não, muito alto. Eu que não escuto direito não agüento chegar perto”.

¹² “(...) mas agora tá perdendo toda a autenticidade, perde todas as características...”.

¹³ Sob este aspecto, foram citadas as divergências entre a administração da Feira e a

prefeitura; o fato dos proprietários das barracas menores geralmente pagarem as contas em dia e o das barracas maiores, que lucram mais, não pagarem; e a existência de casos de prostituição infantil e pedofilia no local.

¹⁴ Frase utilizada por uma das entrevistadas.